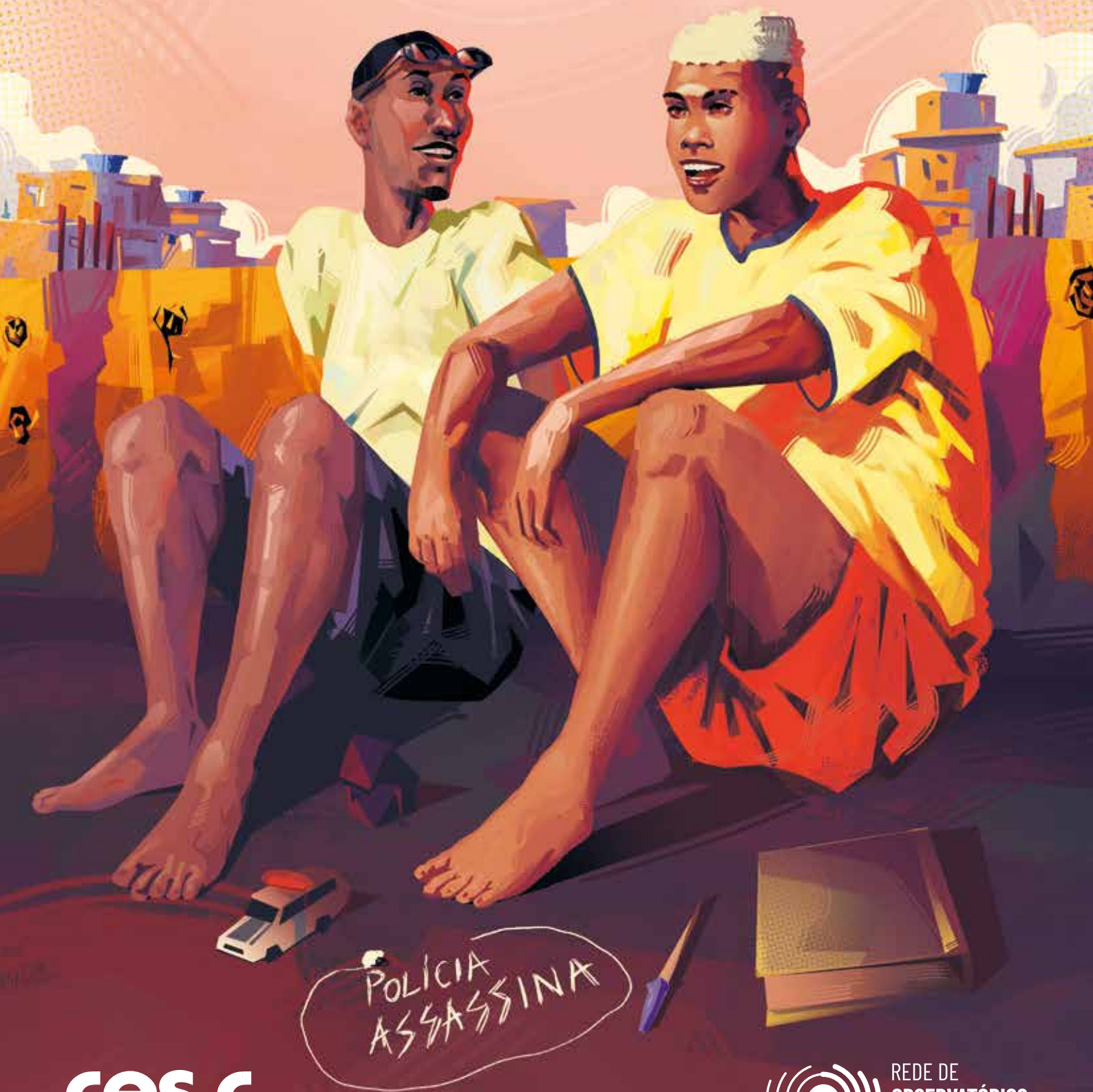


PELE ALVO: A COR QUE A POLÍCIA APAGA

novembro 2022



Nunca nem me ouviram, mesmo que eu gritasse,
mas agora que eu virei estatística

‘Cês vão usar meu nome e minha imagem
pa’ pedir pelo fim da polícia e

Se eu morresse hoje, amanhã era notícia.
Mas quem eu era? Isso ia ser questionado

E que que eu fiz pa’ tomar três tiro’ no peito?
Preto na rua de noite com certeza era algo errado!

Virei postagem na sua rede social

‘Cê lamentou e escreveu sobre a repressão policial
Sua hashtag foi o ponto final

Dizia “Vidas Negras Importam”, pra você isso foi diferencial
É que é toda vez a mesma merda

‘Cês matam eu de carne pa’ fazer eu de pedra
Movidos pelo tesão por tragédia

Agora morto eu tenho mais voz do que vivo, parece comédia!

Deixa minhas lembrança’ p’os meus
Deixa minha mãe chorar minha morte, vê se não interfere!

Que ‘cê num entende por que um de nós morreu
E o quanto dói ser invisível pela cor da sua pele

Não fui criado pa’ agradar sua raça
E mesmo assim ‘cês lamentaram porque eu parti cedo

Mas eu já te trombei em vida

E mesmo sem ter feito nada, ‘cê mudou de calçada por medo

Não quero meu nome no seu protesto dentro
da sua faculdade onde é raro ver preto

Nós não habitamos os mesmos lugares

‘Cê falar que sente o mesmo que os meus não é normal
E só lembrar que preto existe quando morre

É aceitar que, ou preso ou morto, já é algo cultural

(Luta por mim - Jup do Bairro e Mulambo)

REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA

Um projeto do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)

Coordenação do CESeC

Julita Lemgruber
Leonarda Musumeci
Pablo Nunes
Sílvia Ramos

EQUIPE DA REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA**Coordenadora geral**

Sílvia Ramos

Coordenador de pesquisa

Pablo Nunes

Coordenadora de comunicação

Juliana Gonçalves

Pesquisadores

Jonas Pacheco
Pedro Paulo da Silva

Articuladora e pesquisadora

Bruna Sotero

Designer

Renato Cafuzo

Assistentes de comunicação

Nathália da Silva
Wellerson Soares

Estagiário de comunicação

Matheus Lima

Gerente

Ana Paula Andrade

CONSULTOR PARA O NORDESTE

Ricardo Moura

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA BAHIA

Dudu Ribeiro
Larissa Neves
Luciene da Silva Santana

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA CEARÁ

Ana Letícia Lins
Cesar Barreira
Luiz Fabio Paiva

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA MARANHÃO

Luiz Eduardo Lopes da Silva
Thiago Brandão Lopes

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA PERNAMBUCO

Dália Celeste
Deila Martins
Edna Jatobá

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA PIAUÍ

Elton Guilherme
Lila Cristina Xavier Cruz
Maria D'álva Macedo Ferreira
Marcondes Brito da Costa

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA RIO DE JANEIRO

Bruna Sotero
Itamar Silva
Jonas Pacheco
Pablo Nunes
Pedro Paulo da Silva
Sílvia Ramos

OBSERVATÓRIO DA SEGURANÇA SÃO PAULO

Bruno Paes Manso
Francine Ribeiro

ORGANIZAÇÕES**FORMADORAS DA REDE**

Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESeC)

Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas (INNPD)

Gabinete de Assessoria Jurídica às Organizações Populares (Gajop)

Laboratório de Estudos da Violência (LEV/UFC)

Núcleo de Estudos da Violência (NEV/USP)

Núcleo de Pesquisas sobre Crianças, Adolescentes e Jovens (UFPI)

Rede de Estudos Periféricos (UFMA/ IFMA)

PARCEIROS NA**COLETA DE DADOS**

Fogo Cruzado

Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Monitor da Violência

FALE COM A GENTE

rededeobservatorios@gmail.com

Twitter:@rede_seguranca

Facebook:@rededeobservatorios

Instagram:@rededeobservatorios

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213

(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

Pele alvo: a cor que a polícia apaga / Sílvia Ramos...[et al.]; ilustrador Douglas Lopes. – Rio de Janeiro: CESeC, 2022.

Outros autores: Dudu Ribeiro, Luciene Santana, Larissa Neves, Ana Letícia Lins, Luiz Fabio Paiva César Barreira, Ricardo Moura, Thiago Brandão, Luiz Eduardo Silva, Dália Celeste, Deila Martins, Edna Jatobá, Elton Guilherme Silva, Lila Xavier, Marcondes Brito, Maria Dalva Ferreira, Brunna Sotero, Jonas Pacheco, Juliana Gonçalves, Matheus Lima, Nathália da Silva, Pablo Nunes, Pedro Paulo, Renato Cafuzo, Wellerson Soares, Bruno Paes Manso, Francine Ribeiro

ISBN: 978-85-5969-024-8

1. Racismo. 2. Polícia. 3. Violência. 4. Negros. I. Ramos, Sílvia. II. Lopes, Douglas. III. Título.

CDD-305.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Racismo : Polícia 305.8



PICOLE
0,50

JOVEM NEGRO VIVO

POLÍCIA



Racista! É o nome da sociedade que tolera os números que apresentamos neste relatório. Pelo terceiro ano consecutivo, mostramos, por meio de dados fornecidos pelos estados que compõem a Rede de Observatórios da Segurança (BA, CE, MA, PE, PI, RJ e SP), via Lei de Acesso à Informação, que existem pessoas que possuem a “pele alvo”. São dados do último ano, produzidos pelas polícias, resultantes de práticas cotidianas de agentes públicos, quase sempre naturalizadas, às vezes banalizadas e aplaudidas.

Os números revelam uma dimensão política assustadora: governos de extrema direita, de centro ou de esquerda podem conceder autorização explícita para que agentes atirem para matar – se os alvos forem jovens negros. Essas práticas de letalidade, que em alguns estados estão fora de controle, têm o nome de “políticas de segurança”.

A polícia é a mão visível e fardada do Estado na esquina. Altamente racializada, é o elo inicial do sistema de justiça criminal, o primeiro mecanismo que está em contato direto com todos os cidadãos, independentemente de estarem envolvidos em ocorrências como vítimas ou agressores. Esses policiais saem às ruas instruídos a buscar elementos suspeitos, focalizando bairros negros e jovens negros, em geral com o álibi de apreender drogas. São nessas operações que ocorrem a maioria das mortes provocadas por essas corporações.

A ação policial é a face mais visível e palpável do racismo. Este que alimenta um sistema controlado por coronéis, delegados, promotores e juízes brancos que favorecem outros brancos abastados enquanto praças e carcereiros negros prendem, matam e guardam jovens também negros. Essa configuração envolve política, poder e dinheiro de corrupção. Reside aí o desafio imperioso de controlarmos e reduzirmos as forças policiais, além de mudarmos o sistema de justiça criminal.

Em muitos casos, essas lógicas sem sentido são também um disfarce dos mecanismos de corrupção e facilitam a ação de grupos de extermínio, milícias e segurança privada. Porque essa é uma máxima universal infalível dos estudos de polícia: onde há letalidade policial continuada, está ocorrendo consistentemente corrupção.

Perseguir de forma obcecada jovens negros de bairros pobres (mesmo que essa obsessão nunca leve à desarticulação do crime organizado), estigmatizar esses bairros como locais perigosos e, a partir disso, legitimar e justificar operações em série em que mais jovens serão mortos, é uma técnica sofisticada de produção de violência. Esta é a essência das políticas de segurança baseadas na “guerra às drogas”.

Este relatório é uma demonstração de que parte do racismo brasileiro é escandaloso e desfila orgulhosamente sua crueldade. A polícia é o núcleo duro desse racismo que mata com tiro de bala – e não apenas com negligência, indiferença ou incompetência como ocorre em outros âmbitos das políticas sociais. Para pôr fim a essa matança é preciso controlar também as violências não letais e todas as redes de corrupção policial. Será necessário minar a branquitude que comanda o sistema da justiça criminal e tem interesse que essas políticas de segurança jamais mudem.



A polícia é o núcleo duro do racismo brasileiro

O quadro das mortes decorrentes de ação policial nos sete estados da Rede, em 2021, pode ser entendido a partir de quatro chaves de leitura: explosão da matança no Rio de Janeiro e na Bahia; controle de letalidade em Pernambuco, Ceará e Piauí; importante redução de violência letal em São Paulo e desprezo pela qualidade dos dados no Maranhão.

Número de mortes decorrentes de intervenção do Estado por raça ou cor - estados monitorados pela Rede de Observatórios - 2021

COR	ESTADO						
	BA*	CE	MA	PE	PI	RJ	SP
BRANCA	13	3	0	4	8	154	149
NEGRA**	603	36	0	101	24	1.060	330
NI	397	86	87	0	2	142	90
OUTROS	0	0	0	0	0	0	1
PARDA	528	31	0	95	20	696	293
PRETA	75	5	0	6	4	364	37
TOTAL GERAL	1.013	125	87	105	34	1.356	570

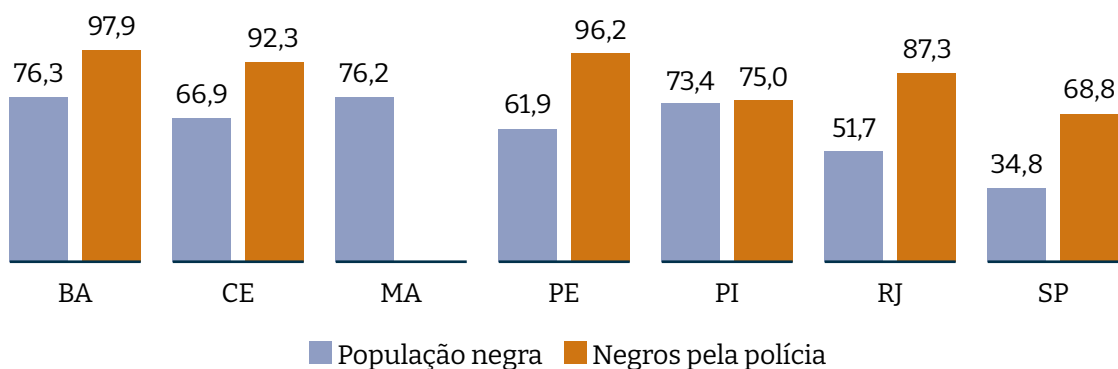
Fonte: Elaborado pela Rede de Observatórios com base nas informações das secretarias estaduais de segurança pública

*O estado não disponibilizou informações detalhadas de 122 casos de mortes decorrentes de intervenção policial

**Os negros constituem o somatório de pretos e pardos, conforme critério estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

Sob qualquer aspecto que analisarmos os dados de mortes em ações policiais nesses sete estados, a distribuição racial das ocorrências é reveladora dos dispositivos descritos anteriormente: negros são 97,9% dos mortos na Bahia, 96,3% em Pernambuco, 92,3% no Ceará, 87,3% no Rio de Janeiro, 75% no Piauí e 68,8% em São Paulo, quando excluimos os casos em que não temos informações sobre a cor da vítima. No Maranhão, a secretaria de segurança impede a análise dos dados sobre letalidade policial ao não divulgar a distribuição de cor dos mortos. Afinal, uma maneira de não lidar com um desvio grave é não registrá-lo.

População negra e negros mortos pela polícia em 2021 (em %)





Pode não ser surpreendente, porque os dados se alteram pouco a cada ano, mas não deixa de ser chocante ver registrado, mais uma vez, uma distribuição racial tão radical de algum fenômeno social no Brasil. Em outras palavras: os mortos pelas polícias são quase todos negros, independentemente da distribuição racial da população desses estados.

Quando olhamos para as dinâmicas de segurança, vemos que as polícias do Rio de Janeiro e da Bahia mataram mais de mil pessoas em 2021. Esses recordes são inaceitáveis sob quaisquer padrões de análise. Seja quando comparamos as mortes produzidas pela polícia a todas as mortes registradas, seja quando as comparamos ao número de policiais mortos nessas ações.

As mortes por policiais no Rio de Janeiro representam 28,5%, quase um terço, de todas as mortes violentas intencionais em 2021, e 15% na Bahia. Em São Paulo, representam 15,5%, mas tiveram uma redução significativa, já que no ano anterior representavam mais de 20%. No Ceará, Maranhão, Pernambuco e Piauí as mortes executadas por agentes de estado representam entre 3% e 4% do total de mortes violentas¹. É bom lembrar que, segundo diversos padrões internacionais adotados para países que não estão em guerra ou conflito interno, 5% de mortes provocadas por policiais é o padrão para considerarmos que ações ocorreram sem abusos².

Importante frisar que as mortes na Bahia e no Rio de Janeiro, contadas na casa do milhar, ocorreram em plena pandemia, quando diversos indicadores tiveram reduções, inclusive os de homicídios e roubos em vários estados. No caso do Rio, existe a agravante de que as 1.356 mortes de 2021 ocorreram em desrespeito à determinação do Supremo Tribunal Federal (STF) de que operações policiais só poderiam acontecer em situações excepcionais. Em maio do ano passado, a Polícia Civil matou 28 pessoas em uma única operação na favela do Jacarezinho, Zona Norte da capital carioca.

Todos esses elementos demonstram que as polícias desses estados se tornaram máquinas de matar sem controle. É urgente reduzir as operações bélicas e aumentar estratégias de inteligência e investigação. É possível fazer isto, como está demonstrando a polícia de São Paulo, que, em um ano, reduziu de 770 para 570 os mortos em ações policiais.

Os estados de Pernambuco, Ceará, Piauí e Maranhão vêm mantendo os padrões sob controle, mas surgem indicadores preocupantes nas dinâmicas em curso. A secretaria de segurança do Ceará apontou que houve um salto de 39 mortes por agentes em 2020 para 125 em 2021. Trata-se de um aumento de 220,5% e pode ser um indício grave de que as práticas de letalidade foram intensificadas e de que o controle sobre essas ações está sendo afrouxado.

A pergunta é: o que precisa ser feito para as polícias entenderem que o racismo é um mal que afeta suas corporações e que precisa ser combatido?

Oferecemos aqui, publicamente, a ajuda da Rede de Observatórios para treinar funcionários e construir bancos de dados confiáveis e transparentes em que poderemos entender, com segurança, os mecanismos raciais, etários e as distribuições de gênero e territorial do fenômeno da letalidade policial. É possível fazer, é simples e não tem custos. Basta haver determinação de governadores, secretários, coronéis, delegados, promotores e juizes. Mesmo que sejam brancos, deveriam compreender a importância da análise racial dos fenômenos sob seu comando.

¹ A proporção de mortes decorrentes de ação policial em relação a todas as mortes violentas intencionais em cada estado foi calculada segundo dados do Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança de 2022.

² Monitor del uso de la fuerza letal en America Latina. Cano, Correa e Foré, 2019.



Omitir dados é uma escolha

Pelo terceiro ano consecutivo, chamamos atenção para governos que escolhem não monitorar a raça das pessoas mortas pela polícia dos seus estados. Optar por não produzir ou divulgar dados sensíveis como esses é assumir uma postura ativa de não se preocupar com os efeitos do racismo estrutural na morte de pessoas negras por parte do braço armado do Estado. Reafirmamos que a omissão de dados também é racismo.

O governo do Maranhão mais uma vez não soube responder a cor dos mortos pela polícia. A secretaria de segurança alega que a classificação não é feita na hora do registro de ocorrência e que, por isso, não consegue acompanhar a informação. O que reflete uma escolha política em não qualificar os trabalhadores da base para a produção desse dado.

Proporção de casos sem informação de cor/raça em relação a todos os casos informados de mortos pela polícia - 2021

ESTADOS	TOTAL DE VÍTIMAS	NÃO INFORMADOS	PROPORÇÃO DE NÃO INFORMADOS 2021
BA	1.013	397	39,2%
CE	125	86	68,8%
MA	87	87	100,0%
PE	105	0	0,0%
PI	34	2	5,9%
RJ	1.356	142	10,5%
SP	570	90	15,8%
TOTAL	3.290	395	12,0%

Fonte: Elaborado pela Rede de Observatórios com base nas informações das secretarias estaduais de segurança pública

Mesmo entre os estados que registram a cor das suas vítimas, existe negligência com o acompanhamento dos dados. Na Bahia, além dos 1.013 mortos, outras 122 vítimas não foram registradas nos bancos de dados. As informações simplesmente sumiram. O mesmo ocorreu no relatório do último ano: o governo informou que 607 pessoas haviam sido mortas pela polícia, mas no Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública o registro é de 1.138 mortos. Também é o caso do Ceará, que gera espanto desde o primeiro relatório, em 2020, pelo alto índice de não informados. Das mortes do último ano, 69% não têm informação de cor.

Essa omissão e a negligência intencional dos dados, além de revelar descaso e incompetência, gera prejuízos incalculáveis ao tentar produzir o apagamento do racismo presente nas ações dos agentes do Estado. O que também dificulta que a sociedade possa dimensioná-lo, compreendê-lo, discuti-lo publicamente para então encontrar maneiras de superação.



BAHIA

Na Bahia, a letalidade policial é ativada por dois fatores: a política de segurança pública baseada na ideia de guerra e extermínio de um inimigo de cor e território específico e a validação das mortes de pessoas negras por meio do racismo. Somente o preconceito racial explica as 603 pessoas negras mortas na região. É como se o genocídio dessa população fosse extremamente aceitável, visto que, para a sociedade, este grupo é sinônimo de criminalidade, violência e atraso.

Apesar de ser a cidade mais negra fora da África, Salvador é um espaço de diferentes desigualdades sociais. A capital baiana teve 299 mortes por agentes do estado e somente uma dessas pessoas era branca. Dos dez bairros com os maiores índices no município, nove são majoritariamente negros.

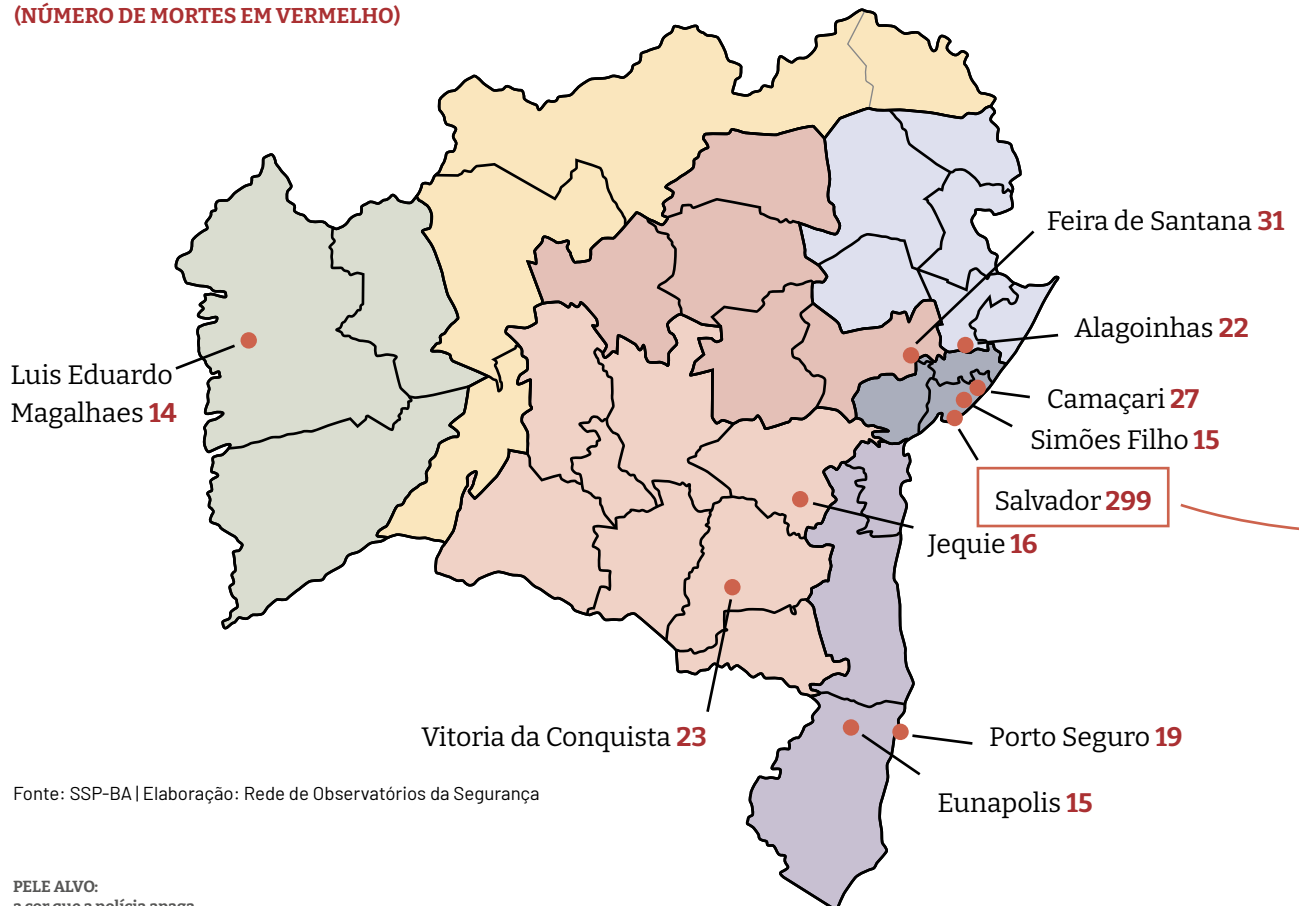


Foram 1.013 mortes por intervenção de agentes do Estado em 2021. Dessas, 603 eram negras. O estado da Bahia informou que 122 casos de mortes cometidas por policiais não estavam incluídas no banco de dados da secretaria. O motivo não foi explicitado. Além disso, o dado divulgado no relatório anterior da Rede de Observatórios dizia que 607 pessoas haviam sido mortas pela polícia. O dado foi enviado pela Secretaria de Segurança Pública. Contudo, no Anuário de Segurança Pública deste ano revela que os mortos foram 1.138. Novamente, não se sabe o motivo da discrepância.

10 CIDADES COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO

ESTADO DA BAHIA - 2021

(NÚMERO DE MORTES EM VERMELHO)

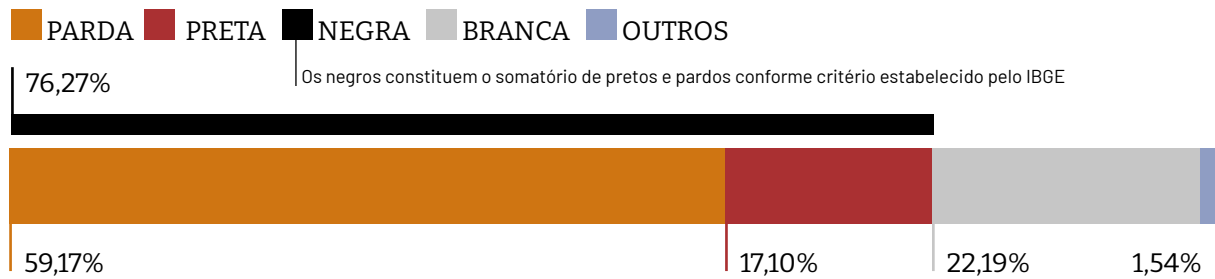


Fonte: SSP-BA | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança



PROPORÇÃO DE COR/RAÇA NA POPULAÇÃO

Fonte: IBGE



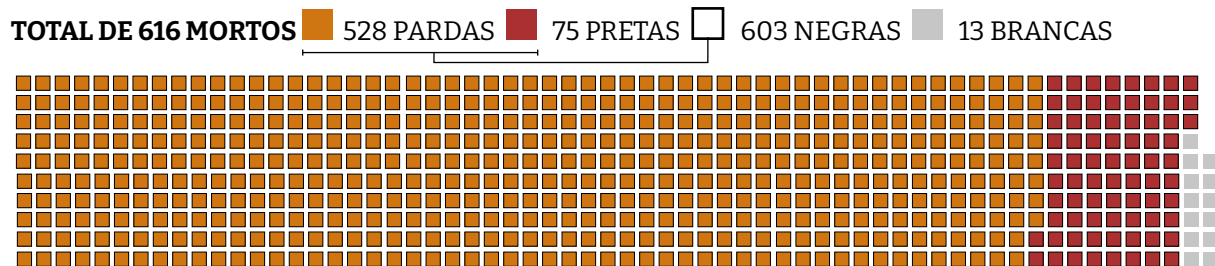
PORCENTAGEM DE MORTOS PELA POLÍCIA POR RAÇA/COR*

Fonte: SSP-BA | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança

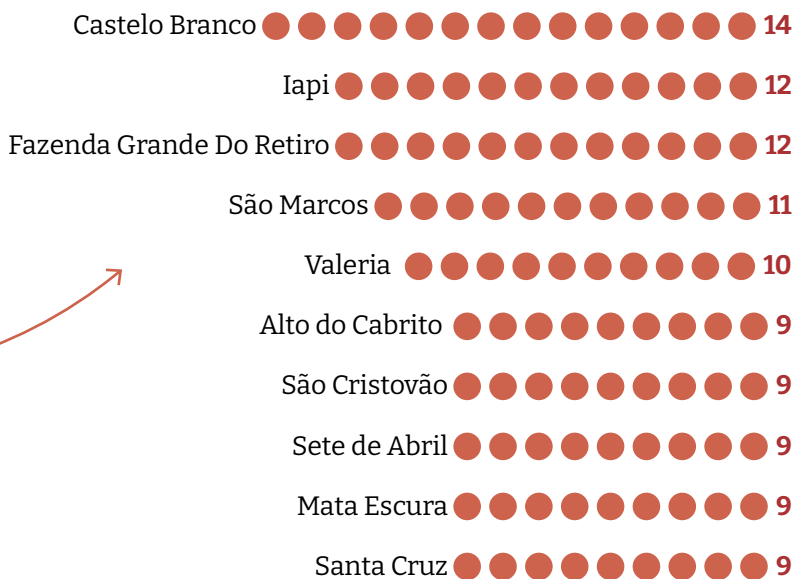


NÚMERO DE MORTOS PELA POLÍCIA POR RAÇA/COR*

*Excetuando os casos não informados



RANKING DOS 10 BAIRROS COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO CIDADE DE SALVADOR



Fonte: SSP-BA | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança

MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO NA CIDADE DE SALVADOR

97,9%

236 VÍTIMAS ERAM **PARDAS**

1,7%

4 VÍTIMAS ERAM **PRETAS**

99,6%

240 VÍTIMAS ERAM **NEGRAS**

0,4%

1 VÍTIMA ERA **BRANCA**

Fonte: SSP-BA | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança



CEARÁ

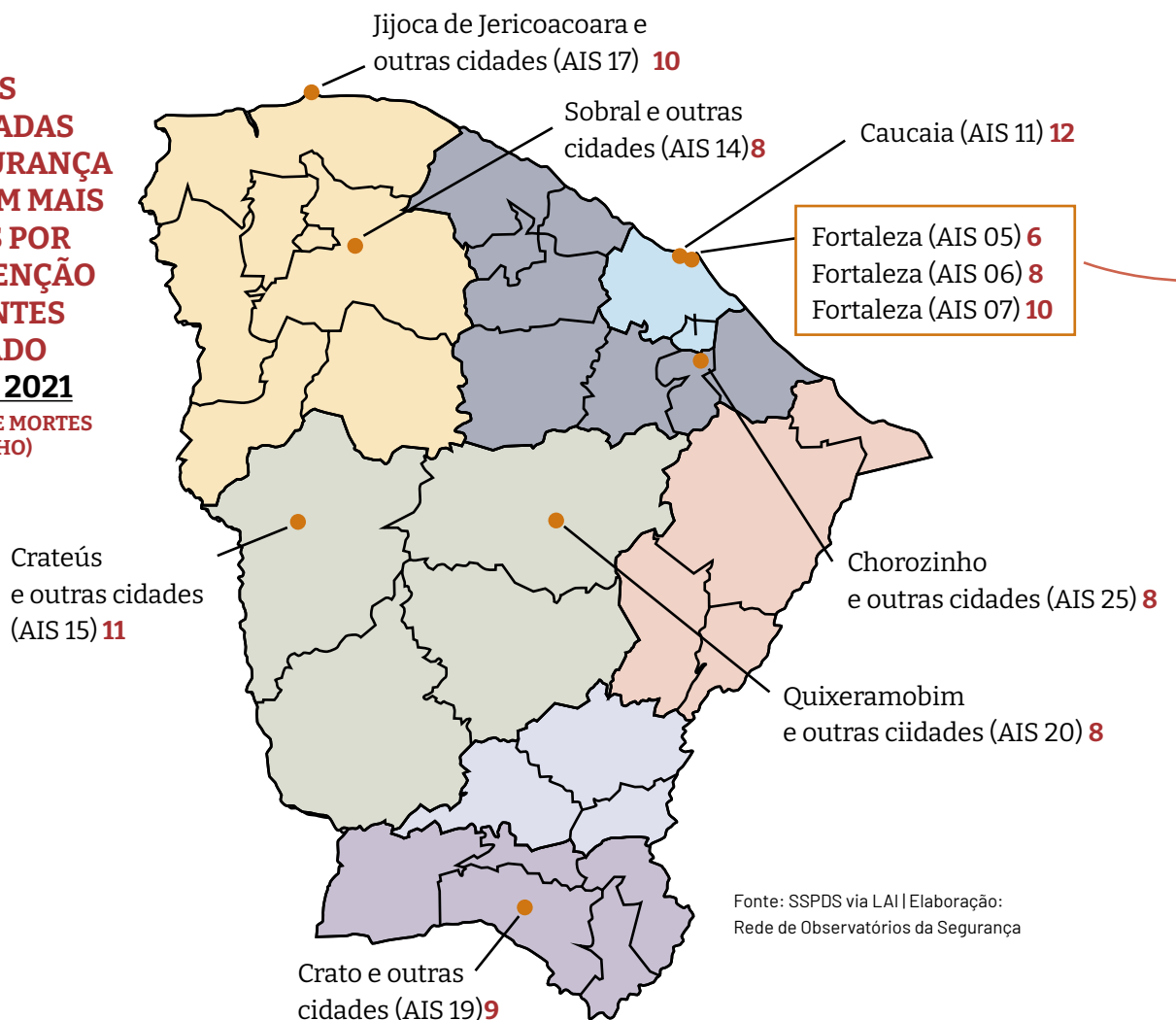
O Ceará, que muito se orgulha de ter sido o primeiro lugar a libertar escravizados, da história do Dragão do Mar e, também, dos seus símbolos indígenas, especialmente de Iracema, ignora sistematicamente a existência da descendência desses povos e a vitimização deles. Mais uma vez, o governo do estado prefere esconder a cor dos mortos pela polícia e apresentar o maior número percentual de casos sem registro de raça (69%). Entre as ocorrências identificadas, 92% das pessoas mortas eram negras. Ainda que o número absoluto (39) possa até parecer baixo em um primeiro momento, continua sendo sintomático que quase a totalidade dessas pessoas seja composta por pretos ou pardos.

Caucaia, que no último ano foi considerada a cidade mais violenta do Brasil, está no topo dos municípios onde a polícia mais mata pessoas negras no Ceará. A cidade foi palco de muitos conflitos entre grupos criminosos, por conta de um “racha” no Comando Vermelho. Em outros pontos da região e na capital Fortaleza, aconteceram também conflitos entre CV e Guardiões do Estado. O governo justifica a morte dessas pessoas com a repressão ao crime organizado. É o vale-tudo no combate às facções.



10 ÁREAS INTEGRADAS DE SEGURANÇA (AIS) COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO CEARÁ - 2021

(NÚMERO DE MORTES EM VERMELHO)

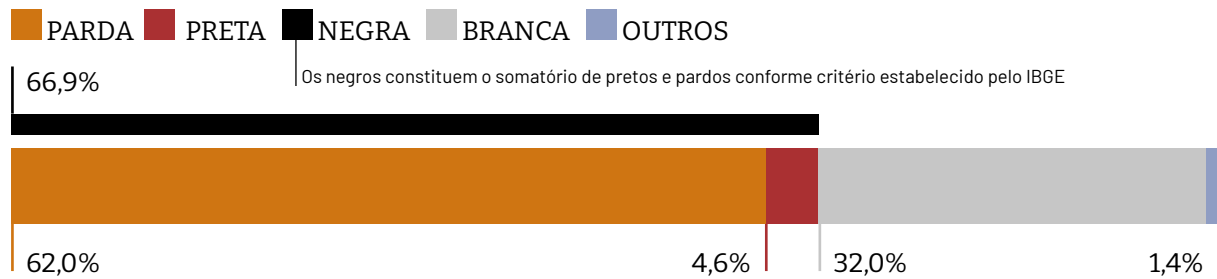


Fonte: SSPDS via LAI | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança



PROPORÇÃO DE COR/RAÇA NA POPULAÇÃO

Fonte: IBGE



PORCENTAGEM DE MORTOS PELA POLÍCIA POR RAÇA/COR*

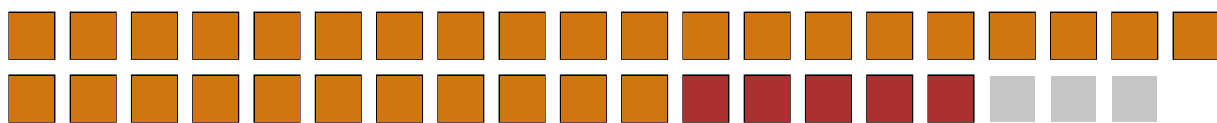
Fonte: SSPDS via LAI
Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança
*Excetuando os casos não informados



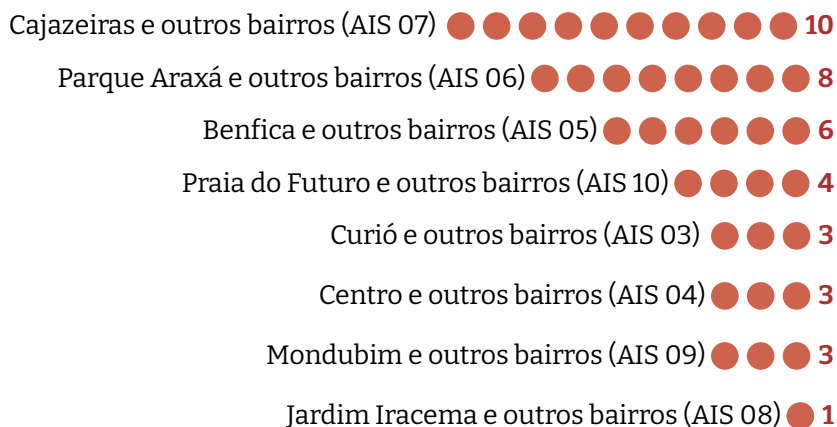
NÚMERO DE MORTOS PELA POLÍCIA POR RAÇA/COR*

*Excetuando os casos não informados

TOTAL DE 39 MORTOS: 31 PARDAS, 5 PRETAS, 36 NEGRAS, 3 BRANCAS



RANKING DAS 10 ÁREAS INTEGRADAS DE SEGURANÇA (AIS) COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO EM FORTALEZA



Fonte: SSPDS via LAI | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança

MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO - CIDADE DE FORTALEZA

66,7%

6 VÍTIMAS ERAM PARDAS

22,2%

2 VÍTIMAS ERAM PRETAS

88,9%

8 VÍTIMAS ERAM NEGRAS

11,1%

1 VÍTIMA ERA BRANCA

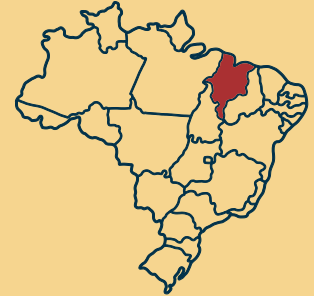
Fonte: SSPDS via LAI | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança



MARANHÃO

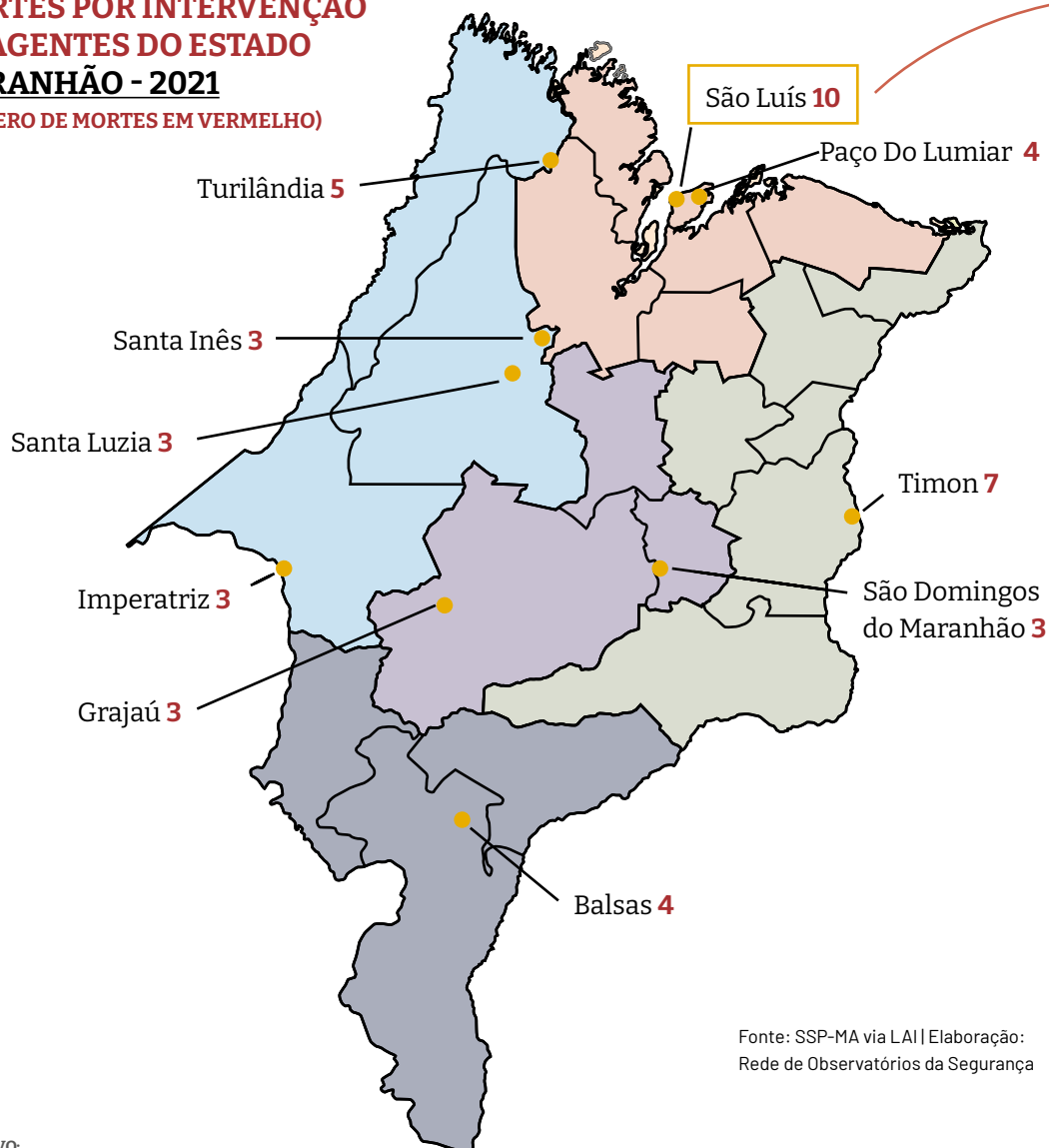
O estado vive um apagão de dados e não produz números sobre a cor dos mortos pela polícia. Uma escolha ativa pela omissão que perpetua o racismo estrutural e afeta toda a população negra do Maranhão. Sem dados, não há política pública. O que conseguimos mostrar é o número de pessoas mortas pelos agentes do estado, além de municípios e bairros onde mais se registram esses óbitos.

Olhando para os dados fornecidos, vemos que a letalidade policial continua preocupante. Já o nosso monitoramento revela que, mesmo que tentem esconder, quem estampa as capas de jornais são pessoas não-brancas, jovens e periféricas. Infelizmente, esse conhecimento qualitativo não encontra um par quantitativo porque o Estado não faz o seu trabalho. Situações como essa encontrada no Maranhão dão sentido ao ativismo de dados como uma resposta às escolhas políticas tomadas pelo governo.



10 CIDADES COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO MARANHÃO - 2021

(NÚMERO DE MORTES EM VERMELHO)



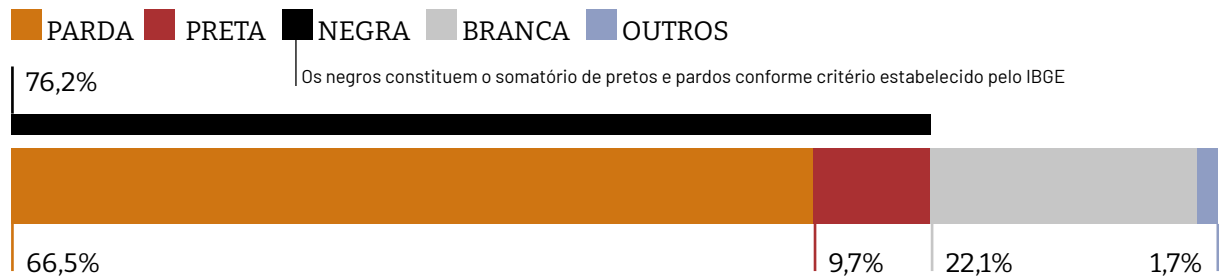
Fonte: SSP-MA via LAI | Elaboração:
Rede de Observatórios da Segurança



O estado do Maranhão não divulga informações de raça/cor das vítimas

PROPORÇÃO DE COR/RAÇA NA POPULAÇÃO

Fonte: IBGE

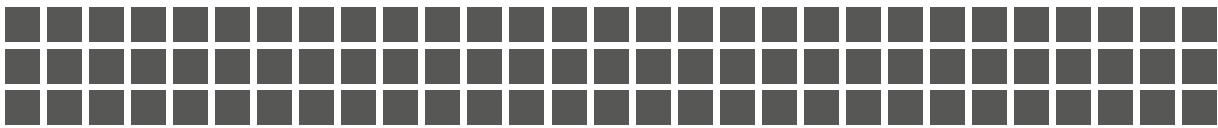


NÚMERO DE MORTOS PELA POLÍCIA*

Fonte: SSPDS via LAI
Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança

*Excetuando os casos não informados

TOTAL DE 87 VÍTIMAS



RANKING DOS 10 BAIROS COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO EM SÃO LUÍS

- Tirirical ● 1
- Solar dos Lusitanos ● 1
- Vila Embratel ● 1
- Chácara Brasil ● 1
- Tajaçuaba ● 1
- Olho D'água ● 1
- Vila Conceição/Alto Do Calhau ● 1
- Planalto Aurora ● 1
- Areinha ● 1
- Recanto Verde ● 1

NÚMERO DE MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO EM SÃO LUÍS

10

O ESTADO DO MARANHÃO NÃO DIVULGA INFORMAÇÕES DE RAÇA/COR DAS VÍTIMAS

Fonte: SSP-MA via LAI | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança



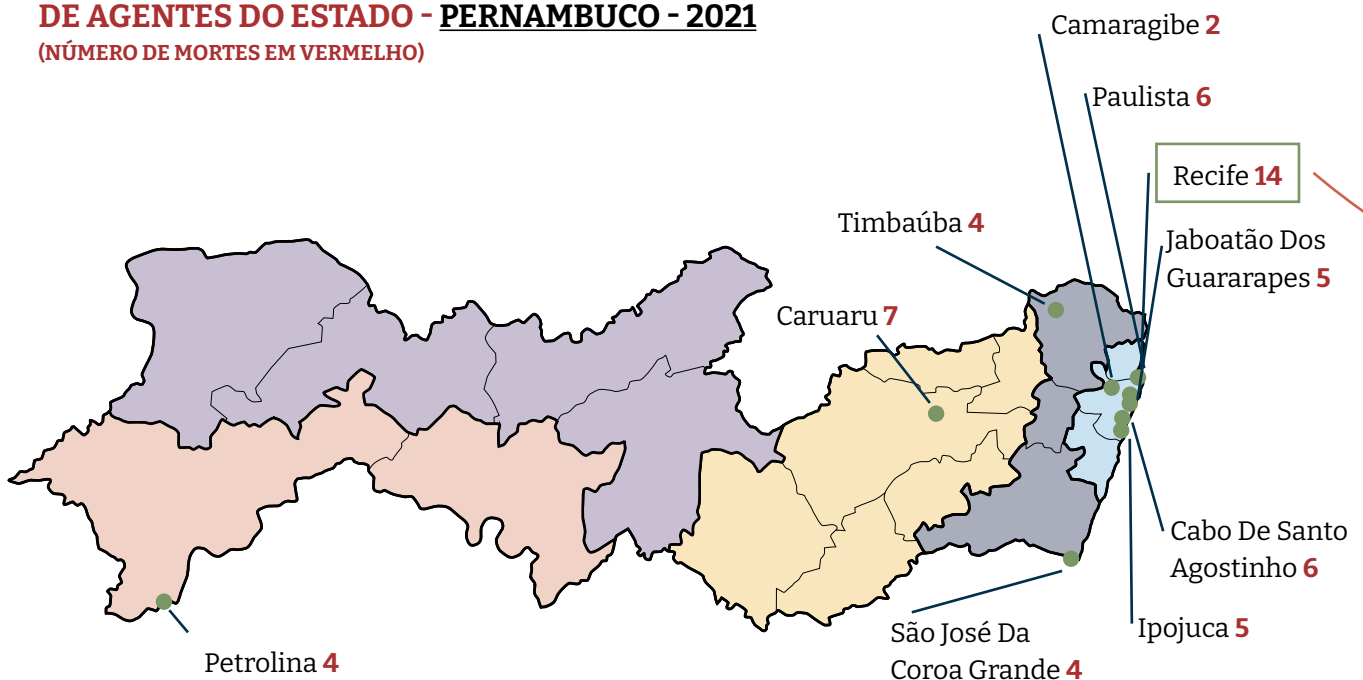
PERNAMBUCO

Em Pernambuco, o excesso de força e o abuso do poder são nítidos. Ao todo, 101 pessoas negras foram mortas em decorrência de ação policial no ano de 2021. A maioria dos casos aconteceu nas periferias da região metropolitana de Recife, no entanto, a violência ultrapassa a capital. As operações policiais também são letais em outras periferias do estado e a maior parte das vítimas é composta por jovens.

Apesar de classificar bem as informações sobre cor e raça, a secretaria de defesa social de Pernambuco classifica as pessoas mortas pela polícia como brancas, pardas e negras. A confusão entre os termos “pretos” e “negros” não é exclusiva dos órgãos de segurança pública, mas não deixa de expressar a falta de conhecimento do que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há muitos anos, tem utilizado como classificação racial da população. O descaso com a informação provoca confusão na leitura dos dados, o que pode impactar a análise realizada pela população.



10 CIDADES COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO - **PERNAMBUCO** - 2021 (NÚMERO DE MORTES EM VERMELHO)

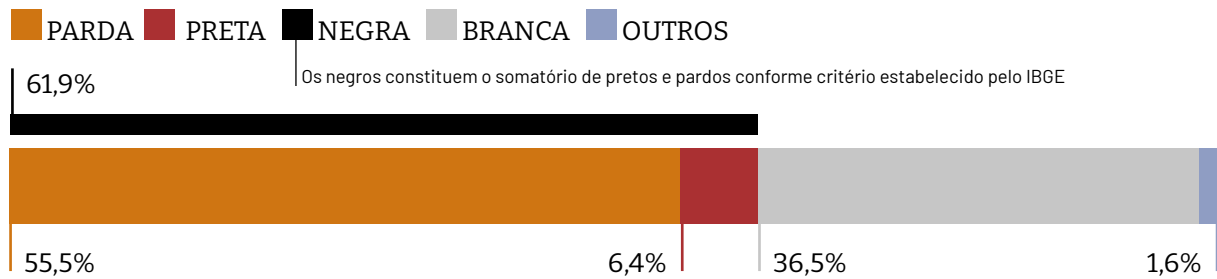


Fonte: SDS-PE| Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança



PROPORÇÃO DE COR/RAÇA NA POPULAÇÃO

Fonte: IBGE



PORCENTAGEM DE MORTOS PELA POLÍCIA POR RAÇA/COR*

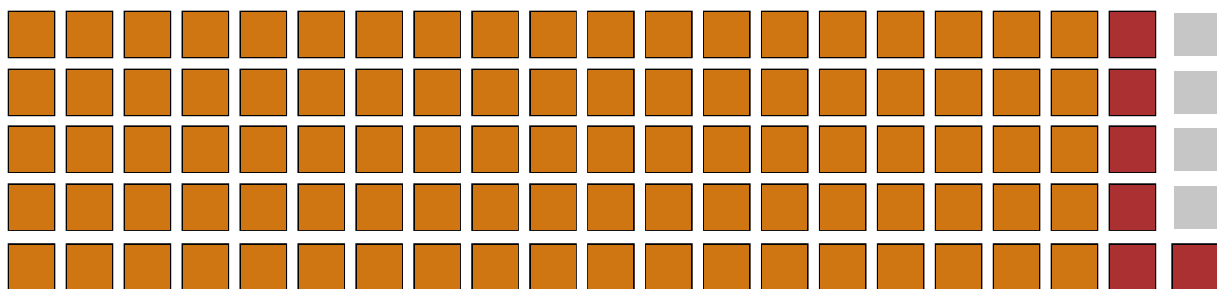
Fonte: SSPDS via LAI
Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança
*Excetuando os casos não informados



NÚMERO DE MORTOS PELA POLÍCIA POR RAÇA/COR*

*Excetuando os casos não informados

TOTAL DE 105 MORTOS 95 PARDAS 6 PRETAS 101 NEGRAS 4 BRANCAS



MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO NA CIDADE DE RECIFE

100%

14 VÍTIMAS ERAM PARDAS

100%

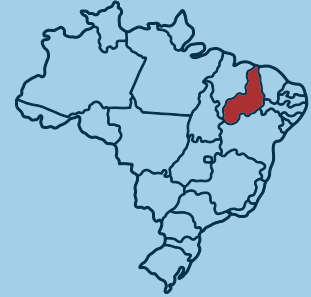
14 VÍTIMAS ERAM NEGRAS



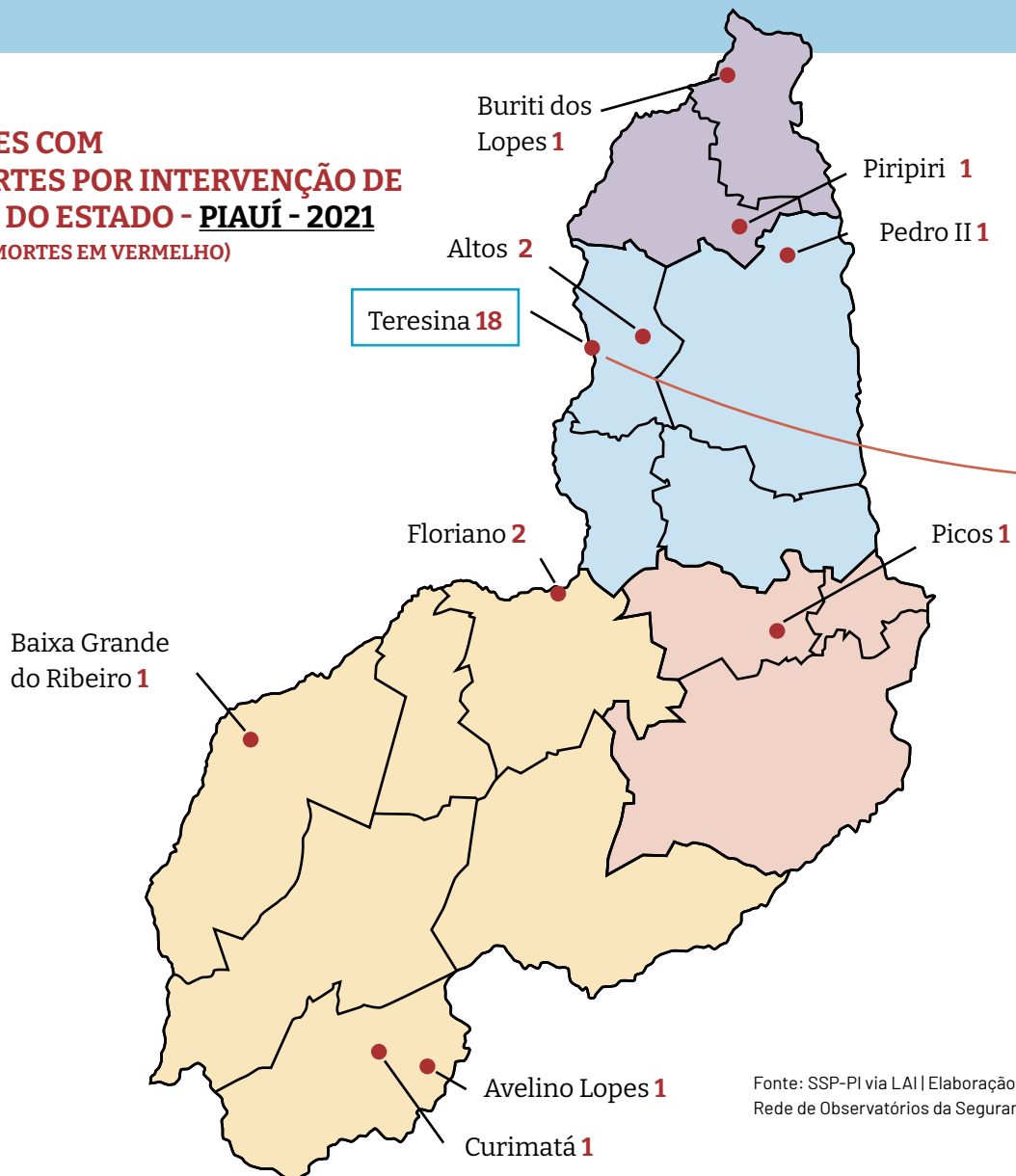
PIAUÍ

A polícia do Piauí apresenta uma espécie de perfilamento racial, no qual se percebe a seletividade das abordagens e para onde a maior parte delas é direcionada. Então, não é de se estranhar que, dentre os mortos pelos policiais, a maioria seja negra. No estado, o percentual é de 75%, e na capital Teresina, onde se concentra essa letalidade, chega a 83%.

A incidência dessas mortes é maior na capital porque lá existe um maior contingente policial. Dos 6 mil homens do estado, quase 2 mil estão na cidade. Também é em Teresina que ficam os grupos com maior letalidade, como o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e a Ronda Ostensiva com Apoio de Motocicletas (ROCAM). Grande parte das ações de policiamento acontecem em ambientes periféricos, onde se pode notar a falta de infraestrutura, educação, saúde, entre outras questões que colocam essas pessoas em situação de maior vulnerabilidade.



10 CIDADES COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO - PIAUÍ - 2021 (NÚMERO DE MORTES EM VERMELHO)

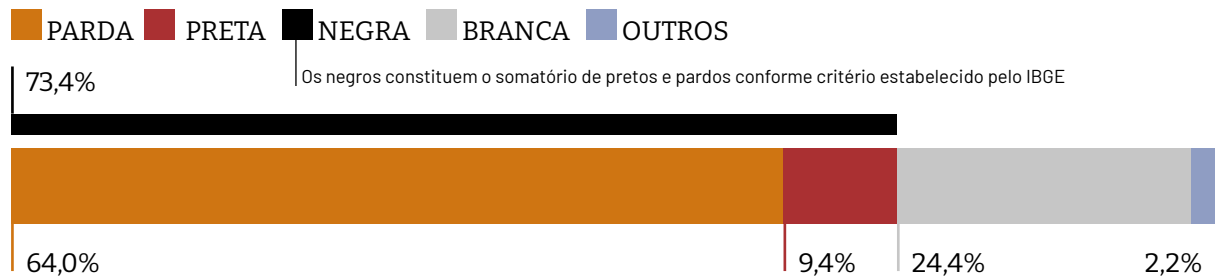


Fonte: SSP-PI via LAI | Elaboração:
Rede de Observatórios da Segurança



PROPORÇÃO DE COR/RAÇA NA POPULAÇÃO

Fonte: IBGE



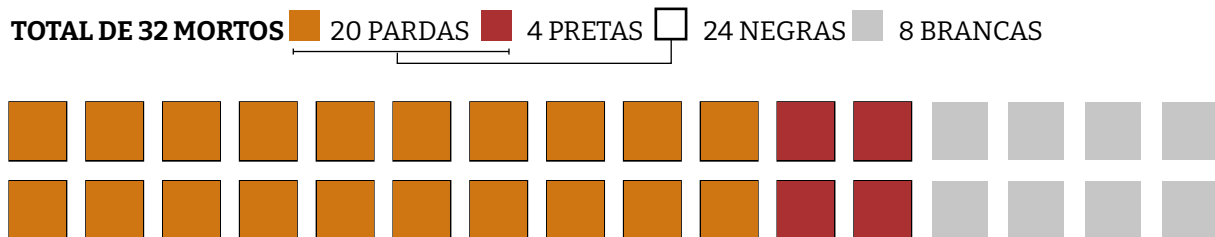
PORCENTAGEM DE MORTOS PELA POLÍCIA POR RAÇA/COR*

Fonte: SSPDS via LAI
Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança
*Excetuando os casos não informados



NÚMERO DE MORTOS PELA POLÍCIA POR RAÇA/COR*

*Excetuando os casos não informados



RANKING DOS 10 BAIROS COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO - TERESINA

- Itararé ●●● 3
- Aeroporto ●● 2
- Morros ●● 2
- Santa Maria ●● 2
- Centro ● 1
- Ilhotas ● 1
- Mocambinho ● 1
- Novo Horizonte ● 1
- Portal da Alegria ● 1
- Porto do Centro ● 1

Fonte: SSP-PI via LAI | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança

MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO - CIDADE DE TERESINA

72,2%

13 VÍTIMAS ERAM PARDAS

11,1%

2 VÍTIMAS ERAM PRETAS

83,3%

15 VÍTIMAS ERAM NEGRAS

16,7%

3 VÍTIMAS ERAM BRANCAS



RIO DE JANEIRO

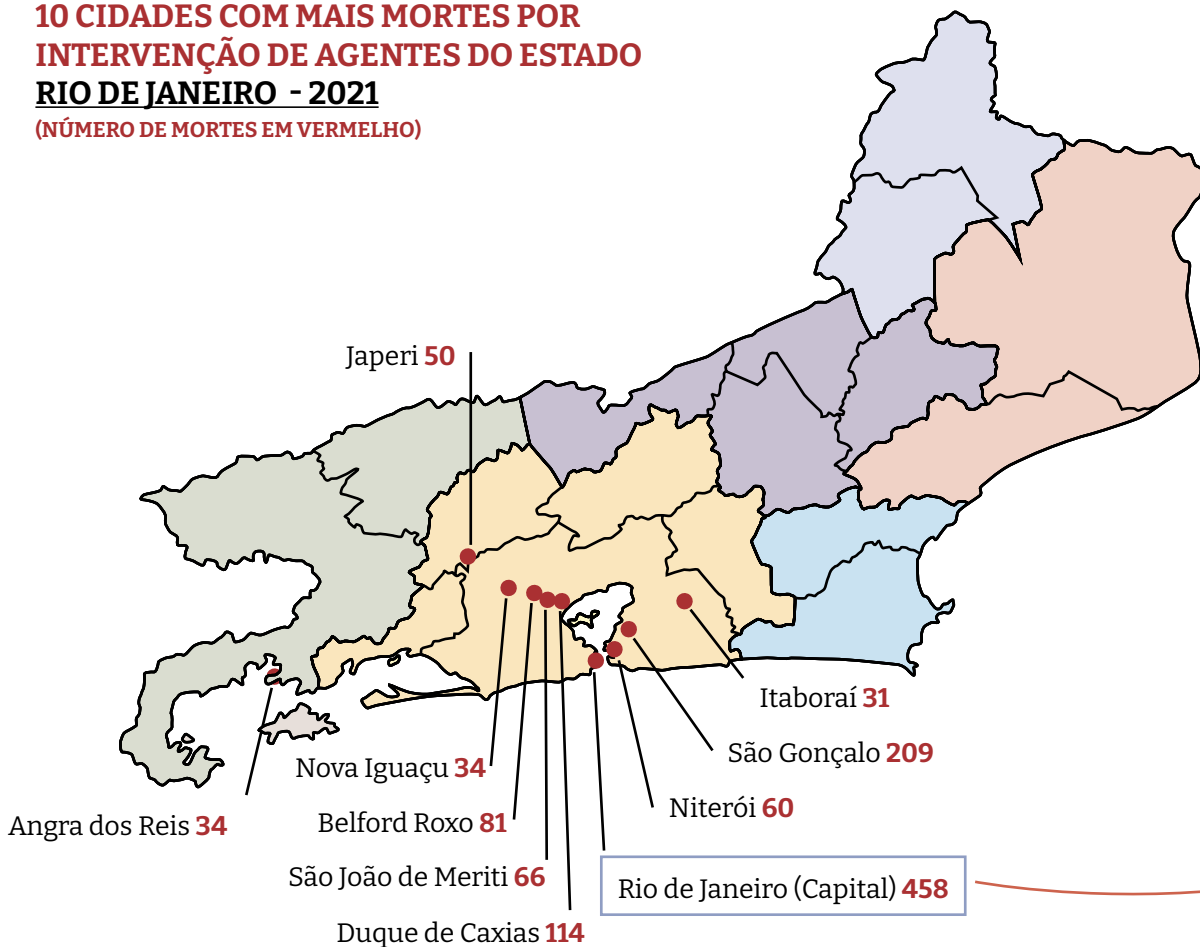
Ano após ano, o Rio de Janeiro se notabiliza pelo alto número de chacinas* quando o assunto é segurança pública. O estado fica marcado por incursões desastrosas das polícias que sobem favelas e deixam um número altíssimo de corpos. O Rio é o estado com maior registros de chacina na Rede. Dos 57 registros policiais com 3 vítimas ou mais, 30 deles apresentam totalidade de vítimas negras. No total, foram 155 vítimas e 138 delas eram pretas ou pardas.

Somando às demais ocorrências, das 1.214 pessoas mortas pela polícia, 87,3% eram negras. Pessoas brancas representam apenas 12,1% do total de vítimas da região. A capital segue liderando em número de mortos por agentes do estado, com 458 registros, seguida por São Gonçalo, com 209, e Duque de Caxias, com 114.

* Eventos com três ou mais mortes



10 CIDADES COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO RIO DE JANEIRO - 2021 (NÚMERO DE MORTES EM VERMELHO)



Fonte: ISP-RJ via LAI | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança



SÃO PAULO

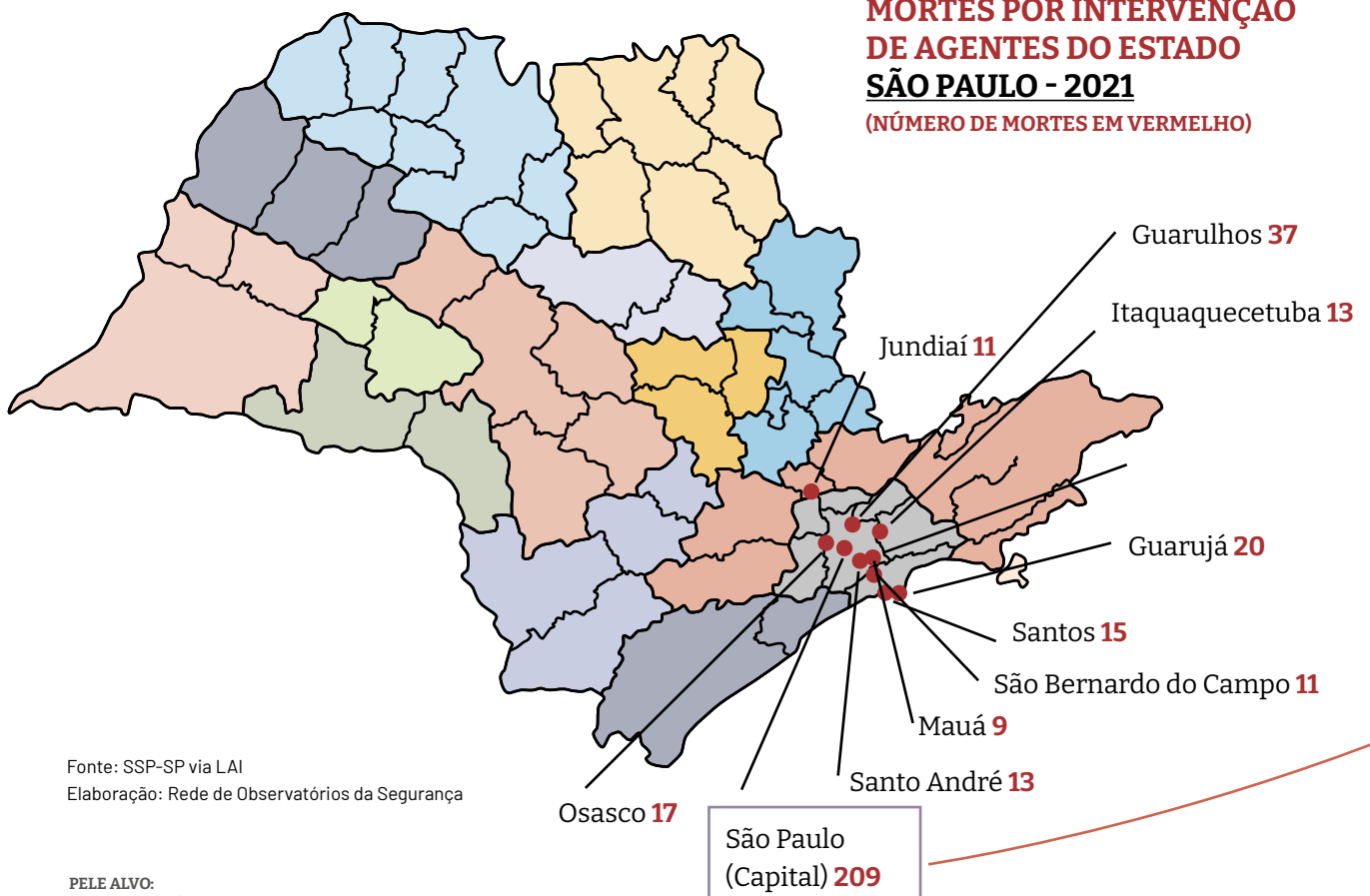
O estado tem experimentado reduções seguidas nos números de letalidade policial nos últimos meses. O programa Olho Vivo, implantado pelo então governador João Doria, instalou câmeras nos uniformes dos agentes. A ação fez os números de mortes provocadas por esses profissionais despencarem, mas a cor dos mortos seguiu inalterada: 69% eram negros.

Os agentes de segurança acabam reproduzindo os preconceitos que ocorrem na nossa sociedade, afinal, eles são parte dela. Assim, o racismo e a fobia aos pobres se somam a agentes que poderiam ser mais bem qualificados, o que facilita práticas violentas direcionadas aos grupos vulneráveis.

Embora nas periferias exista uma tendência de não haver controle das práticas abusivas, em dia claro, nos bairros mais bem conceituados da cidade, negros também sofrem abordagens violentas. Como foi o caso do advogado Alexandre Marcondes, morador do Alto da Lapa (bairro nobre da capital), que teve uma arma apontada na cabeça sem qualquer justificativa. Os jargões “atitude suspeita” e “resistência à abordagem” têm sido usados como justificativa para ações que muitas vezes terminam em morte, como esses números revelam.



10 CIDADES COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO SÃO PAULO - 2021 (NÚMERO DE MORTES EM VERMELHO)

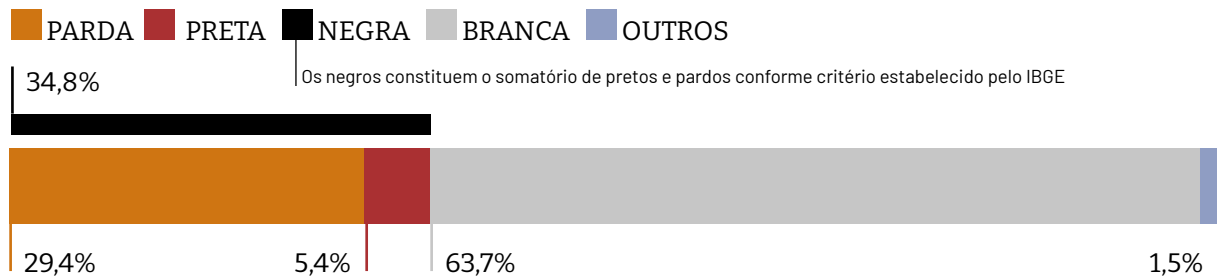


Fonte: SSP-SP via LAI
Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança



PROPORÇÃO DE COR/RAÇA NA POPULAÇÃO

Fonte: IBGE



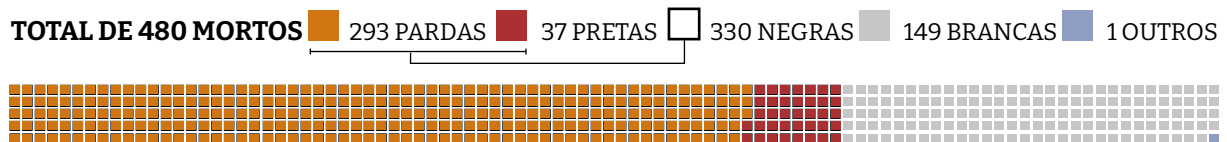
PORCENTAGEM DE MORTOS PELA POLÍCIA POR RAÇA/COR*

Fonte: SSPDS via LAI
Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança
*Excetuando os casos não informados



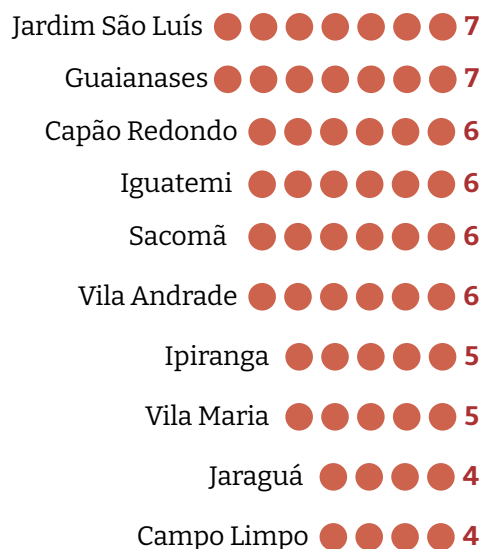
NÚMERO DE MORTOS PELA POLÍCIA POR RAÇA/COR*

*Excetuando os casos não informados



RANKING DOS 10 DISTRITOS COM MAIS MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO* SÃO PAULO (CAPITAL)

*Em 31 casos não havia informação de local



Fonte: SSP-SP via LAI | Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança

NÚMERO E PROPORÇÃO DE VÍTIMAS DE MORTES POR INTERVENÇÃO DE AGENTES DO ESTADO - SÃO PAULO (CAPITAL)

67,6%

121 VÍTIMAS ERAM **PARDAS**

8,4%

15 VÍTIMAS ERAM **PRETAS**

76,0%

136 VÍTIMAS ERAM **NEGRAS**

24,0%

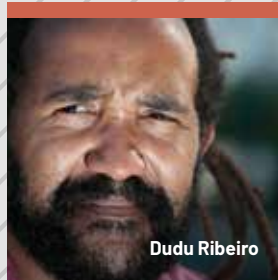
43 VÍTIMAS ERAM **BRANCAS**



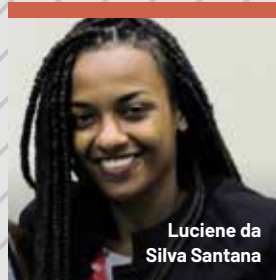
Quem faz a Rede de Observatórios

Baseados em sete estados, os integrantes da Rede combinam metodologia de pesquisa rigorosa, monitoramento diário, diálogo com a sociedade civil e conhecimento da realidade local para fazer análises sobre violência e segurança pública.

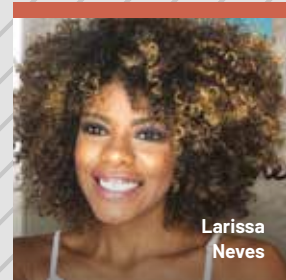
BAHIA



Dudu Ribeiro

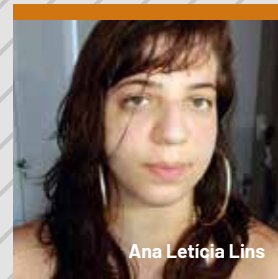


Luciene da
Silva Santana

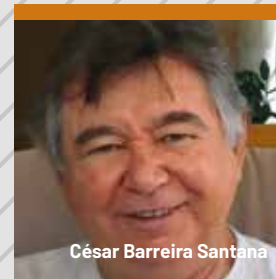


Larissa
Neves

CEARÁ



Ana Letícia Lins

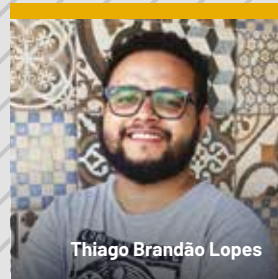


César Barreira Santana



Luiz Fabio Paiva

MARANHÃO



Thiago Brandão Lopes

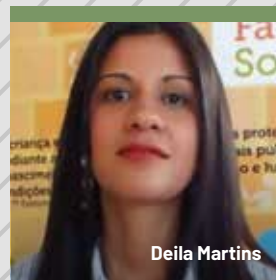


Luiz Eduardo
Lopes Silva

PERNAMBUCO



Dália Celeste

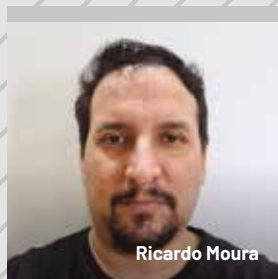


Deila Martins



Edna Jatobá

NORDESTE (consultor)



Ricardo Moura



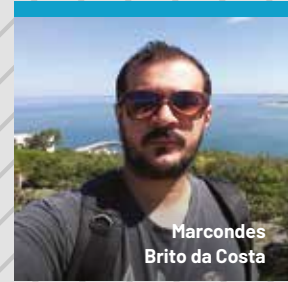
PIAUI



Elton Guilherme
dos Santos Silva



Lila Cristina Xavier Luz

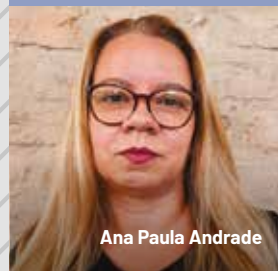


Marcondes
Brito da Costa

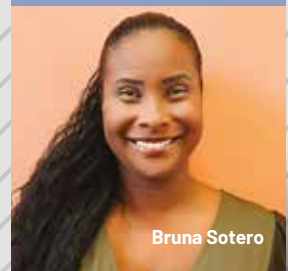


Maria Dalva
Macedo Ferreira

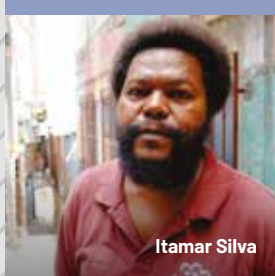
RIO DE
JANEIRO



Ana Paula Andrade



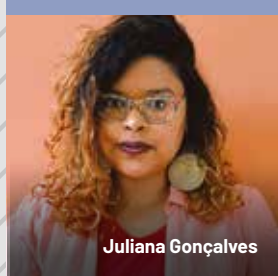
Bruna Sotero



Itamar Silva



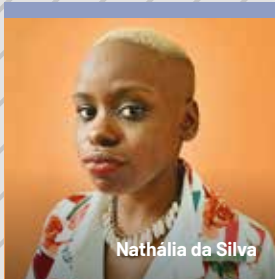
Jonas Pacheco



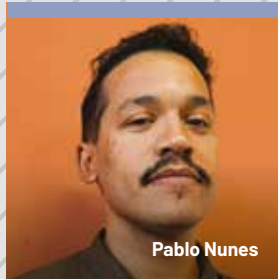
Juliana Gonçalves



Matheus Lima



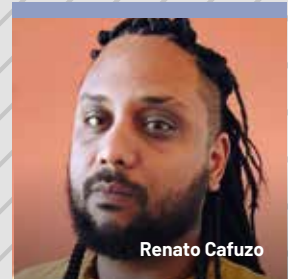
Nathália da Silva



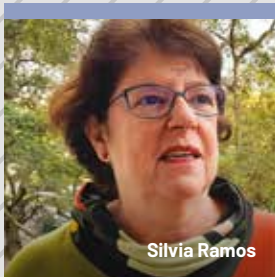
Pablo Nunes



Pedro Paulo



Renato Cafuzo

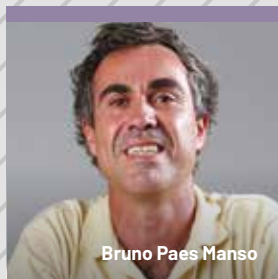


Silvia Ramos



Wellerson Soares

SÃO PAULO



Bruno Paes Manso



Francine Ribeiro



SOBRE O RELATÓRIO

EDIÇÃO: Juliana Gonçalves, Wellerson Soares

REVISÃO: Maria Eugênia Leonardo da Silva

ILUSTRAÇÃO: Douglas Lopes

DESIGN GRÁFICO: Refinaria Design

REALIZAÇÃO



Centro de Estudos de Segurança e Cidadania



observatorioseguranca.com.br



@redeobservatorios



@rede_seguranca



@rededeobservatorios

BAHIA

CEARÁ

MARANHÃO

PERNAMBUCO

PIAUÍ

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

INICIATIVA
NEGRA



REP
Rede de Estudos Perigosos

GAJOP



cesec
Centro de Estudos de Segurança e Cidadania

NEV
Núcleo de Estudos da Violência
Universidade de São Paulo

APOIO



FORD
FOUNDATION

APOIO INSTITUCIONAL



OPEN SOCIETY
FOUNDATIONS